

# LUCIANO DE SAMÓSATA E O TONEL DE DIÓGENES: HISTÓRIA E RETÓRICA NA ROMA IMPERIAL<sup>1</sup>

DEISE ZANDONÁ (História-UFRGS)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda os conceitos de *psêudos*, *épainos* e *enkómion* para a definição de História e Retórica em duas obras de Luciano de Samósata: *Como se deve escrever a história* e *Mestre da Retórica*.

**Abstract:** This article concerns about the analysis of the concepts *pseudos*, *epainos* and *enkómion* for definition of History and Rhetoric in two texts by Lucian of Samosata: *How to write history* and *Professor of Public Speaking*.

“Vendo e ouvindo isso, ó amigo, ocorreu-me aquele caso do filósofo de Sínope: quando se dizia que Filipe já marchava contra a cidade, os coríntios todos ficaram perturbados e se puseram em ação, um preparando as armaduras, outro trazendo pedras, outro reparando as muralhas, outro reforçando o parapeito, outro ainda ocupado com alguma coisa útil. Então Diógenes, vendo aquilo, já que não tinha nada para fazer – pois ninguém precisava dele para coisa alguma – cingiu o manto e, com muita seriedade, começou também ele a rolar o tonel no qual morava, para cima e para baixo do Crânio. Algum de seus amigos perguntando-lhe: “Por que você está fazendo isso, Diógenes?” – “Rolo também eu meu tonel” – ele dizia – “para que não pareça o único desocupado no meio de tantos que trabalham”” (Luciano, *Hist Conscr.*, 3).<sup>2</sup>

Rolando igualmente o seu tonel (πίθος), tal como o filósofo cínico Diógenes de Sínope, Luciano de Samósata apresenta suas idéias sobre história e retórica fornecendo conselhos (συμβουλῆς) aos seus pupilos tanto em *Mestre da Retórica* quanto em *Como se deve escrever a história* de como tornar-se um bom orador e historiador, respectivamente. Em 1958, Jacques Bompaire (Bompaire, 1958, p.239) desenvolveu a hipótese de que todas as obras de Luciano eram destinadas a leituras públicas, conferências, inclusive as cartas nominalmente endereçadas. Tal hipótese parece se confirmar no estudo de Tønnes Kleberg (Kleberg IN: Cavallo, 1995, p.67) onde afirma:

*Antes que nada, la nueva obra poética era presentada a menudo com una lectura hecha por el propio autor, primero ante um círculo de amigos, después em público. Estas lecturas para las que existen paralelos tambien em nuestra época, creaban um contacto por lo general directo entre el escritor y su público y podían representar para el autor um valioso estímulo, quizá, incluso uma espécie de barómetro literário. Estas “recitaciones” se hicieron extremadamente populares em la Roma imperial, tanto que se las podía temery aborrecer por su cargante tediosidad.*

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no IV Colóquio Interdisciplinar de Pesquisa Sobre as Sociedades Antigas: a Retórica e o Retor, em Ouro Preto (fevereiro de 2007). Aguarda publicação nos anais do evento.

Este era o caminho usualmente percorrido pela obra até a publicação.<sup>3</sup> Embora neste estudo Kleberg mencione restrinja-se à obra poética, a pesquisa de Catherine Salles (Salles, 1994) nos traz a perspectiva das *recitatio* com relação a outros tipos de obras durante o primeiro século de nossa era em Roma.

Luciano, ao final do seu tratado sobre história (Luciano, *Hist. Consc.*, 63), declara ao ouvinte<sup>4</sup>:

“Assim, é preciso que também a história seja escrita com a verdade, visando à esperança futura, mais que com bajulação, visando ao prazer dos presentes elogios. Aí você tem o cânon e o prumo de uma história justa. Se alguns apurarem com ele, estará bem e o que está escrito é oportuno. Se não, no Crânio rolou o tonel.”

Enquanto ao final de *Mestre da Retórica*, anuncia (Luciano, *Rhet. Praec.*, 26):

“E nada te impedirá, acompanhado pela lei, de vencer nos tribunais, gozar de boa consideração e ser querido entre as massas, e desposar não a uma velha dessas que saem nas comédias – como fez o legislador e o mestre -, e sim a mais bela mulher, a Retórica”.

Luciano encontra motivação para escrever *Como se deve escrever a história*, por volta de 166 d.C., devido à profusão de escritores de história que surgiram em decorrência da comoção da comoção que gerou a guerra contra os partos. Conforme Luciano (Luciano, *Hist. Consc.*, 2), “a partir do momento em que a presente situação se instalou – a guerra contra os bárbaros, o desastre na Armênia e as contínuas vitórias – não há ninguém que não escreva a história. Mais ainda, todos se tornaram Tucídides, Heródotos e Xenofontes”.

No centro de sua temática das poéticas discursivas, Luciano satirizava sofistas que se propunham historiadores e oradores subordinados às relações de patronato-clientela. Para abordar esta problemática, analiso as categorias da mentira (ψεῦδος), do elogio (ἔπαινος) e do encômio (ἐγκώμιον), basilares para a definição luciânica da muralha existente (τείχος) entre história e retórica que separa estes campos de forma bem definida, tal como se pensássemos nas cidades construídas cujas fortificações eram aperfeiçoadas em momentos de guerras e disputas. Sob esta forma de antagonismos e antinomias, Luciano elabora, a partir de inúmeras metáforas e ἐκφράσις (descrições imagéticas), mais do que uma teoria sobre história, ou historiografia, mas uma teoria sobre os saberes da educação no século II d.C. (παιδεία), isto é, uma teoria sobre o conhecimento no seu tempo. A epistemologia de Luciano parece residir na sua participação literária ativa da conjuntura social e política de sua época. Seu *lógos* é,

entre muitas caracterizações possíveis, inclusive político. Político porque à medida que se define - seja pela metáfora do espelho impoluto da mente do historiador face ao delírio e à liberdade poética do poeta e do retor, seja ao definir os saberes - o faça através de contínuas exclusões ou como já teria dito Jacyntho Brandão (Brandão, 2001, p.35): “o discernimento faz-se, pois, por critério de impossibilidade: à historiografia é impossível o psêudos, ao encômio não; àquela é impossível o encômio, à poesia não.” Tais discernimentos ou exclusões baseadas em critérios teóricos estão sempre relacionados, nos textos aqui pesquisados, aos interesses políticos dos profissionais em questão: historiadores e oradores. Visando examinar como tais categoriais são articuladas a estes interesses, considerando o conhecimento manifesto acerca da utilidade da história e da retórica, para averiguar como Luciano efetua a partilha correspondente a cada profissional no “dizer” dentro do campo mais amplo dos saberes da παιδεία, utilizo-me ao final da análise das categorias de ψεύδος, ἔπαινος e ἐγκώμιον, da noção de “partilha do sensível” do filósofo francês Jacques Rancière. Esta comunicação integra pesquisa onde trabalho com um conjunto mais amplo de fontes luciânicas para tratar do tema: “O historiador e sua história em Luciano de Samósata: a audiência, o caráter e a inteligência”.<sup>5</sup>

### **Rolando o tonel de Luciano: a retórica acolhe o que a história abandona**

Neste momento, passo à análise das ocorrências de ψεύδος e seus derivados como uma das categorias que Luciano destaca nos limites entre as poéticas discursivas. Diz o satírico antigo:

“A maior parte destes [que pretendem escrever história] não se preocupa em contar o que ocorreu, eles estão muito ocupados em louvar os chefes e generais, conduzindo os seus aos píncaros e os inimigos ao chão, sem nenhuma medida. (...) O encomiasta só se preocupa com uma única coisa: louvar tanto quanto puder e agradar aquele que louva, e, se por acaso, atinge seu fim dizendo o falso (ψευσσάμενον), pouco lhe importa, mas a história não admite a presença de uma falsidade (ψεῦδος) por mais leve que seja, como o canal que chamamos traquéia-artéria, por causa da função que exerce, não pode receber a bebida que nele é colocada.”(Luciano, *Hist. Conscr.*,7)

O objetivo do encomiasta é louvar e agradar, mas para isso pode utilizar do recurso à falsidade, inadmissível ao historiador, conforme o autor samosatense. Nos excertos acima, Luciano define a dimensão do ψεύδος como critério para estabelecer uma distinção e, não apenas isso, uma separação absoluta entre a atividade do historiador e do encomiasta, personagem adulator que exerce atividades retóricas,

geralmente ligado a um magistrado, general, imperador ou mesmo a algum membro de família importante da nobreza, tornando-se pretendente a um benefício da relação de patronato-clientela. Apresenta o autor antigo a referida separação (Idem): “eles [os escritores] ignoram que não é um istmo estreito que separa como uma fronteira ou um muro, a história do encômio, e que há uma grande muralha no meio.” Conforme Luciano, ao encômio cabe o discurso de elogio aos amigos, de vitupério aos inimigos, o exagero, o interesse pessoal; enquanto a história é um discurso, definido, neste momento, pela exclusão destas características, não admitindo o elogio, nem o vitupério, o interesse pessoal e, sobretudo, não admitindo a presença da falsidade. A história é um discurso caracterizado pelo abandono do ψεῦδος.

A próxima ocorrência do termo (ἐπιψευσδόμενος) aparece na acepção de *atribuir falsamente a alguém coisas que a pessoa não realizou ou exagerar as suas realizações*.<sup>6</sup> Relata Luciano que Aristobulo teria feito isto ao descrever um combate individual entre Alexandre e Porus, acreditando que agradaria ao rei dos Persas (referindo-se de forma não-usual à Alexandre, mais conhecido como rei dos Macedônios) ao adornar seus feitos. Não só Aristobulo não obteve os benefícios que desejava, o prestígio junto à Alexandre, mas teve seu livro jogado às águas do rio Hidaspes, e foi ameaçado de ser igualmente lançado do navio pelo próprio Alexandre, descontente com o excesso de adulação. O ψεῦδος desempenha neste contexto a função específica de servir aos interesses do historiador-retórico, contra o qual a voz de Luciano se enuncia advertindo que o exagero, se está fora da história, é em si condição de repulsa inclusive no encômio à própria pessoa elogiada.

Adiante no texto, encontramos nova menção, neste momento referindo-se à *invenção* (ἔψευσται) *quanto ao número de mortes* na Guerra da Armênia, quando um escritor alega a morte de 70.236 inimigos contra apenas 2 mortos e 9 feridos dos romanos. No mesmo sentido ainda, menciona a mentira (Luciano, *Hist. Conscr.*, 20), do mesmo escritor, de que com apenas um forte grito do general Priscus, 27 inimigos morreram. Na mesma linha argumentativa, a menção de Luciano (Ibid., 24) da falsidade (ἔψεύδεται) geográfica ocorreu, em suas palavras, devido à ignorância, ao desconhecimento e descuido daquele que relatou as batalhas que, “sem ter falado com um assírio nem ter ouvido o tema na barbearia disse se referindo à cidade de Europo: ‘Europo está situada na Mesopotâmia, a duas jornadas de distância do Eufrates; fundaram-na os habitantes de Edessa’”.

Em *Mestre da Retórica*, aparecem duas únicas menções a ψεῦδος em todo o texto. A primeira, já no capítulo 22, quando o mestre-Luciano (Luciano, *Rhet.Praec.*, 22) fala das características de um bom orador; e a segunda, no capítulo seguinte, quando das possibilidades de uso da língua em benefício próprio. Na primeira citação, caracterizando o orador, diz deste que

ἡ τόλμα γάρ καὶ ἡ ἀναισχυντία καὶ ψεῦδος πρόχειρον καὶ ὄρκος ἐπ’ ἄκροις ἀεὶ τοῖς χεῖλεσι καὶ φθόνος πρὸς ἅπαντας καὶ μῖσος καὶ βλασφημία καὶ διαβολαὶ πιθαναὶ - ταῦτα σε ἀοίδιμον ἐν βραχεῖ καὶ περίβλεπτον ἀποφανεῖ.

“Pois a ousadia, a desvergonha e uma mentira pronta com um juramento para confirmá-lo na ponta dos lábios, inveja e ódio de todos, tudo isto o tornará famoso e distinto num instante.”

A mentira, a falsidade, diferente dos significados apresentados em *Como se deve escrever a história*, adquire em *Mestre da Retórica* uma conotação positiva, à medida que se torna uma recomendação do mestre ao pupilo relativo à postura que deve manter como orador nas leituras públicas, mesmo na posição de ouvinte, estando em meio à platéia. Luciano aconselha (Idem): “ria ligeiramente e torne evidente que não está satisfeito com o que está sendo dito”. A conotação positiva advém do fato de que, para o autor, tal postura seria “necessária para manter sua reputação”.<sup>7</sup> Sob outro aspecto, o ψεῦδος está situado – o que auxilia a atividade retórica - entre as potencialidades do uso da língua.

Δύναται δὲ οὐ σολοικίζειν μόνον καὶ βαρβαρίζειν οὐδὲ ληρεῖν ἢ ἐπιορκεῖν ἢ λοιδορεῖσθαι ἢ διαβάλλειν καὶ ψεύδεσθαι, ἀλλὰ καὶ νύκτωρ τι ἄλλο ὑποτελεῖν, καὶ μάλιστα ἦν πρὸς οὕτω πολλοὺς τοὺς ἔρωτας μὴ διαρκέσης. Πάντα αὐτὴ γὰρ ἐπιστάσθω καὶ γονιμωτέρα γιγνέσθω καὶ μηδὲν ἀποστρεφέσθω. (Luciano, *Rhet.Praec.*, 23)

“Ela é capaz não apenas de solecizar, de barbarizar, ou dizer inépcias, ou cometer perjúrios, ou caluniar e mentir, porém também à noite de atuar em outros serviços, especialmente se seus assuntos amorosos forem muitos. Sim você deve saber falar sobre todas as coisas, ser animado [vívido], e em nada hesitar.”<sup>8</sup>

### **A muralha luciânica: o encômio e o elogio adotados pela Retórica**

Em *Como se deve escrever a história*, observamos que desde o capítulo 7, Luciano introduz a questão do elogio e do encômio para não mais abandonar a temática até o final do texto, tornando-se o fio condutor da argumentação acerca da escrita da história. Convém retornarmos às palavras do autor neste capítulo, porque ele traz à tona

tanto a questão do ψεῦδος - já trabalhada - quanto à do elogio que examinaremos a partir deste momento. Nas palavras do sofista (Luciano, *Hist. Conscr.*, 7),

A maior parte destes [dos que pretendem escrever história] não se preocupa em contar o que ocorreu, eles estão muito ocupados em louvar (τοῖς ἐπαινοῖς) os chefes e generais, conduzindo os seus aos píncaros e os inimigos ao chão, sem nenhuma medida: eles ignoram que não é um istmo estreito que separa, como uma fronteira ou um muro, a história do encômio (ἡ ἱστορία πρὸς τὸ ἐγκώμιον), e que há uma grande muralha no meio; (...) O encomiasta só se preocupa com uma única coisa: louvar tanto quanto puder e agradar aquele que louva, e, se por acaso, atinge seu fim dizendo o falso, pouco lhe importa.”(Luciano, *Hist. Conscr.*, 7).

Moses Finley (Finley apud Cassin, 2005, p.236) em sua aparente única afirmação positiva dos trabalhos de Luciano em meio a muitas críticas, disse que a única importância para nós é que “quinhentos anos após Aristóteles, Luciano ainda avaliava a história pela poesia.” Todavia, a matriz conceitual da retórica aristotélica, sob alguns aspectos, estava presente em alguns dos textos do autor. Um destes exemplos aqui mencionados é a própria distinção de elogio e encômio estabelecida por Aristóteles e seguida por Luciano para falar da história e da retórica, da *performance* do historiador e do orador. Segundo Aristóteles (Aristóteles, *Retórica* 1367 b 27-36), o elogio é um discurso que mostra a grandeza de uma virtude, enquanto o encômio é um discurso que trata das ações humanas. Por isso, trata Luciano de dirigir suas críticas mais vigorosas àqueles que assemelham história ao encômio, muito mais aparentado a uma biografia falsificada e elogiosa aos chefes e generais, do que àqueles que incluem elogios na história de forma justa para explicar os acontecimentos, tal como menciona abaixo:

Καὶ οὐ τοῦτο φημι, ὡς οὐχὶ καὶ ἐπαινετέον ἐν ἱστορίᾳ ἐνίοτε · ἀλλ’ ἐν καιρῷ τῷ προσήκοντι ἐπαινετέον καὶ μέτρον ἐπακτέον τῷ πράγματι, τὸ μὴ ἐπαχθῆς τοῖς ὕστερον ἀναγνωσομένοις αὐτά, καὶ ὅλως πρὸς τὰ ἔπειτα κανονιστέον τὰ τοιαῦτα

“Não digo que não se deve, por vezes, louvar através da história. Mas é preciso louvar no momento que assim convém, e aplicar ao objeto uma justa medida, para não exasperar os futuros leitores: de um modo geral, é preciso pautar-se tendo em vista a posteridade”. (Luciano, *Hist. Conscr.* 9)

‘Pautar-se tendo em vista a posteridade’ consiste, naquele momento, em uma alegação de veracidade e honestidade por parte do escritor. Isso se explica se considerarmos o momento histórico em que Luciano escrevia. A partir do imperador Adriano, no segundo século, o privilégio do “não julgamento” (μὴ κρινεῖν) tornava-se viável a filósofos, oradores, gramáticos e médicos. Eram declarados imunes das

liturgias, sacerdócios, provimento de hospedagem a soldados, bem como não eram obrigados a servir contra suas vontades como juízes, embaixadores ou soldados, nem serem forçados a responsabilizar-se por qualquer outra obrigação cívica (Bowersock, 1969, p.33). Adriano mostrou um interesse genuíno e sustentado nas coisas gregas e, particularmente, em restaurar a dignidade material e institucional de Atenas. Possuíam uma série de benefícios bem como a possibilidade do acesso a cargos administrativos de províncias, entre outros. Segundo Bowersock, Pio põe limites à extravagância de Adriano, o chamado “imperador intelectual”, que não podia segundo o último, ser tolerada. Tais limites consistiam em restringir o número de benefícios concedidos de acordo com o tamanho de cada província, sua população e com a respectiva profissão.

Retornando às palavras de Luciano (Luciano, *Hist. Conscr.*, 10),

“vale dizer que, em história, no que diz respeito ao mito, ou aos elogios construídos com muita unilateralidade, que estes não constituem algo de agradável aos ouvintes, a não ser que se considere o povo comum, ao invés de considerar aqueles que escutam como os juízes e, por Zeus, também como os delatores, para quem nada passa despercebido”.

Delimitando a audiência da história enquanto um grupo seletivo, de intelectuais (πεπαιδευμένοι) (Ibid, 2), diferente do povo comum, ela não comporta elogios unilaterais em razão desta mesma audiência: o que constitui algo de prazeroso ou agradável (τέρπνον) ao povo – os mitos e elogios – são desagradáveis aos ouvintes de história. Apenas a maioria aplaudirá aos elogios, mas não se trata da maioria que interessa à história, ou ainda, estes podem ser agradáveis apenas a quem o recebe (ἐπαινουμένω) (Ibid, 11). Inclusive no desenvolvimento de sua argumentação, Luciano citando os *exempla* dos escritores que cometem os exageros encomiásticos, menciona o caso de Aristóbulo que escreveu adornando e inventando exageros sobre Alexandre o Grande, como significativo do caso em que “os elogiados são os que mais rechaçam os aduladores (Ibid, 12). Luciano ainda menciona escritores que introduzem elogio de si mesmo (ἐγκώμιον) (Ibid, 14) e elogios vulgares (τὰ ἐγκώμια φορτικὰ) (Ibid,17) nas histórias.

Com efeito, a partir do momento em que Luciano abandona o catálogo de vícios para falar dos preceitos daquilo que os escritores devem seguir para escrever uma boa história, a ocorrência de ἐπαινος apresenta um deslocamento de sentido, não mais representando o exagero pejorativo a ser banido da história, mas um elogio na medida justa que serve à descrição e à explicação necessária dos acontecimentos históricos para

aqueles que não os viram, tarefa fundamental dos historiadores. Nas palavras de Luciano (Ibid., 27),

Existem alguns que omitem os grandes acontecimentos dignos de memória, ou tratam-nos superficialmente, enquanto que por ignorância, falta de gosto, ou desconhecimento do necessário a ser dito e do que se deve omitir, se explicam, descrevendo com insistência e detalhe os fatos mais insignificantes. É como se alguém não visse toda a grandeza e a beleza incomparável do Zeus de Olimpo e não a elogiasse (ἔπαινοίη) nem a explicasse aos que não a tivessem visto.

Esta ocorrência de elogiar dentro contexto da metáfora da “grandeza e a beleza incomparável do Zeus de Olimpo” consiste numa segunda acepção de elogio, na metáfora do espelho que define a história face à poesia, aqui Luciano abre um pequeno espaço ao elogio aos escritores desde que sirva ao interesse da história que é dizer o verdadeiro. Define ele no final do capítulo 51 que o elogio (ἔπαινον) que convém ao historiador é a recompensa por fazer os ouvintes de suas histórias pensarem ter visto diante de si as imagens do que aconteceu enquanto o historiador narrava:

Tal é, de igual modo, a tarefa do historiador: prestar contas dos fatos e os mostrar sempre que possível em ato. E quando um ouvinte pensa ver o que foi dito e por isso o saúda, é só então, com certeza, que sua tarefa está concluída, e que a obra desse Fídias da história recebeu o elogio (ἔπαινον) que lhe convém. (Ibid., 51)

A seguir no texto, Luciano repetindo o argumento de que o elogio deve ser sob medida, acrescenta a este a categoria do vitupério (ψόγος), e uma prática comum dos discursos da retórica epidítica, mas que era em sua época uma prática adotada pelos escritores de história. E ao final do texto, recomenda que não escreva para o presente visando as honras e elogios dos contemporâneos (ἐπαινέσονται) (Ibid., 61), sim para a posteridade com a verdade, “visando à esperança futura, mais que com bajulação, visando ao prazer dos presentes elogios (ἐπαινουμένοις). Este é o cânone e a norma para uma história justa”(Ibid., 63).

Em *Mestre da Retórica*, a primeira ocorrência de ἔπαινος aparece no capítulo 6, quando o mestre Luciano ao tentar captar a audiência do pupilo e persuadi-lo a escolher o caminho mais curto que leve ao aprendizado retórico, utiliza-se de uma descrição imagética ou ἐκφράσις, projetando ela a imagem do pupilo como orador.

“Eu quero primeiro mostrá-lo pintado em discurso, como a imagem de Cebes, em cada um dos caminhos que levam à Retórica, de quem você parece enamorado. Imagine-a sentada sobre um lugar alto, muito bela em face e forma, segurando em sua mão direita a Cornucópia com todo o tipo de frutas. Junto dela imagine que você verá a riqueza,

dourada e encantadora, a fama e poder também a postos; e os elogios (οἱ ἔπαινοι) parecendo minúsculos Cupidos”.(Luciano, *Rhet. Praec.*, 6).

Após descrever o retrato em palavras, conclui que ao “desposá-la, possuirá tudo o que ela tem: a riqueza, a fama e os elogios (τοῦς ἔπαινοῦς), pois pela lei, tudo resulta para o marido”.<sup>9</sup> Os elogios, tais como apresentados em *Mestre da Retórica*, consistem em parte da recompensa buscada pelo orador, da mesma forma que buscavam aqueles escritores de história em *Como se Deve Escrever a História*, satirizados e criticados por Luciano, pois na história, os mesmos interessam que aqui são recomendados ao orador, são vetados ao historiador.

A segunda ocorrência já consiste numa recomendação de Luciano seu pupilo quando tornar-se um orador formado:

“Permita aos seus amigos jogarem-se aos seus pés constantemente e oferecer-lhe banquetes, e dar-lhe oportunidades de encontrar o que dizer nos intervalos entre os aplausos (...). Quando você for embora, com a cabeça envolvida no seu manto, revisando o que disse, se alguém dirigir-se a você, seja extravagante no auto-elogio (τῶν ἐπαινῶν), tornando-se um incômodo para ele. ‘O que foi Demóstenes além de mim? Talvez um dos antigos rivalizado comigo!’ e aquele tipo de coisa.” (Ibid., 21)

Satirizando os autores tradicionais, a acepção do auto-elogio nesta passagem está relacionada diretamente a um dos conselhos que recomenda no capítulo 17 a não ler os clássicos: o tolo Isócrates (ὁ λῆρος Ἰσοκράτης), o grosseiro Demóstenes (ὁ χαρίτων ἄμοιπος Δημοσθένης) e o feio Platão (ὁ ψυχρὸς Πλάτων), nem os exercícios retóricos para conseguir provisões na falta de assunto (Ibid., 17). Luciano faz de certa forma um elogio ao improviso, ao recomendar-lhe dizer a primeira coisa que lhe ocorre, acrescentar exemplos e cobrir tudo com referências, deixando as palavras correrem perfeitas (Ibid., 18). “Você nunca deve aparecer em público com um discurso preparado, pois isto o envergonha.”(Ibid., 20) Esta concepção de discurso improvisado é transgredida pelo próprio locutor, uma vez que seu discurso foi cuidadosamente composto visando atingir objetivos específicos.

## **Rolando o tonel de Luciano II: a diferença dos saberes e a parcela de cada um no “dizer”**

A escolha das categorias de ψεῦδος, ἔπαινος e ἐγκώμιον é importante para a definição de critérios que distinguem os gêneros discursivos. Elas atravessam todo o tratado sobre a história delimitando o cerne da sátira contra os historiadores-

encomiastas, cujo único interesse é obter os benefícios, aparentemente ocupando uma função que, segundo Luciano, não lhes pertencia, conforme a tradição de uma boa história que remonta a Tucídides (historiador exilado), mas aos sofistas e oradores – tal como Luciano na posição de professor de retórica! Cabe aos oradores fazer belos e ornamentados discursos e usar de mentiras em benefício próprio. Onde o ψεύδος e o ἔγκωμιον estão fora de lugar e são defeitos a serem banidos pelo historiador, nas mãos do orador, tornam-se instrumentos úteis às atividades retóricas, políticas e outras. A partir destas definições, torna-se plausível pensar que Luciano ao afirmar que há uma grande muralha entre a história e o encômio, a metáfora da muralha possa ser vista como uma *partilha dos saberes*, histórico e retórico, do que corresponde a cada um – historiador e orador - no dizer dos intelectuais, aqui entendidos de forma mais ampla, enquanto todos aqueles que compõem o conjunto da educação na Antigüidade.

Esta partilha significa a participação em um conjunto comum dos intelectuais (πεπαιδευμένοι) e, inversamente, a distribuição em saberes específicos (Rancière, 2005, p.15) (como por exemplo, história, retórica, poesia, música, arquitetura, entre outros, enfim, todos os saberes específicos que constituem o conjunto mais amplo da παιδεία). É o modo como se determina no sensível a relação entre o conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. No caso de Luciano, significa a participação dos intelectuais no conjunto dos saberes e a distribuição das parcelas do que corresponde a cada um no dizer: ao historiador e ao orador.

“Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha dos espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte no fato de governar e ser governado, mas uma outra forma de partilha precede esse tomar parte: aquela que determina os que tomam parte (...). Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque eles *não têm tempo* para se dedicar a outra coisa que não seja o seu trabalho. Eles não podem estar em *outro lugar* porque o *trabalho não espera*. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela ‘ocupação’ define competências ou incompetências para o comum.”(Ibid., p. 15-16)

Tais competências e incompetências, Luciano define minuciosamente ao longo dos dois textos aqui analisados, bem como nas outras fontes que compõem a pesquisa que ora desenvolvo. A análise de tais aspectos constitui um outro viés ainda mais amplo desta pesquisa. Todavia, é possível adiantar dois momentos onde esta partilha do dizer

aparece bem definida. Em suas palavras, referente ao historiador, Luciano (Luciano, *Hist. Conscr.*, 51) diz:

“os historiadores não escrevem como os oradores (...) as coisas que serão ditas são, e falarão por elas mesmas, pois já foram realizadas, basta colocá-las em ordem e dizê-las. De tal modo que não se deve procurar o que dizer, mas como dizer.”

A habilidade dos historiadores referente à escrita é eminentemente diferente da dos oradores, se deve o primeiro ter uma mente impoluta é porque lhe cabe simplesmente registrar os acontecimentos sem que amizades ou inimizades interfiram nos relatos que devem ser conforme aos fatos.

Referente ao orador: deve selecionar umas 15 ou 20 palavras áticas, praticá-las cuidadosamente para tê-las sempre na ponta da língua (Luciano *Rhet. Praec.*, 16). Deve ainda buscar palavras não-familiares para parecer mais sábio, outras vezes criando palavras; no caso de um erro, o importante é atribuir a algum sábio, poeta ou historiador, de forma que a expressão pareça ter sido sancionada pela tradição (Ibid, 17).

O orador não apenas procura o que dizer, mas deve fazê-lo utilizando dos recursos disponíveis, aqueles vetados aos historiadores – o recurso às paixões, à parcialidade – constituem nesta sátira luciânica, instrumentos úteis para ascender na carreira de retor e sofista.

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução: Eudoro de Souza. Ed. Bilíngüe. São Paulo: Ars Poética, 1992.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Ed. bilíngüe. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1990.

LUCIANO. COSTA, C.D.N.(ed) *Lucian: selected dialogues*. New York: Oxford, 2005.

\_\_\_\_\_. *Obras*. Biblioteca clássica Gredos. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

\_\_\_\_\_. *Lucian*. v. I e VI. Ed. Bilíngüe. London: Harvard University Press, 1990 (1959).

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Klincksieck, 1990.

HORNBLOWER, Simon (et alii). *Diccionario del mundo clásico*. Barcelona: Critica, 2002. (2000).

KURY, Mario da Gama. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. 7.ed. Riode Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003. (1990).

LIDDELL ; SCOTT. *A Greek–English Lexicon*. New York: Oxford, 2000.

- ANDERSON, Graham. *The second sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*. London and New York: Routledge, 2005. (1993).
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Lingüística geral I e II. 5 ed. São Paulo: Ed. Pontes, 2005.
- BOWERSOCK, G. W. *The Greek sophists in the roman empire*. Oxford: Clarendon Press. (1969).
- BRANDÃO, Jacyntho L. *A invenção do romance*. Brasília: UNB, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Luciano e a história*. (no prelo).
- CASSIN, Barbara. *Ensaio sofisticos*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O efeito sofisticos*. Rio de Janeiro: Editora 34. 2005.
- CAVALLO, Guglielmo (Dir.). *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- CLARKE, M.L. *Rhetoric at Rome: a historical survey*. London: Routledge. 1996. (1953).
- COLE, Thomas. *The origins of Rhetoric in Ancient Greece*. London: Johns Hopkins University Press, 1991.
- FORNARA, Charles W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press,
- HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: UNB, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (1980).
- HORNBLOWER, Simon. *Greek historiography*. New York: Oxford University Press, 1994.
- JONES, C. P. *Culture and society in Lucian*. Cambridge: Harvard University, 1986.
- LOPES, André L. *Como se deve escrever a história verdadeira: verdade história e ficção em Luciano de Samósata*. Dissertação defendida na Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Mestre em História. Brasília, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2005 (2000).
- SALLES, Catherine. *Lire à Rome*. Paris: Petite Biblioteque Payot, 1994.
- VEYNE, Paul. *A sociedade romana*. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. *Como se escreve a história.* Lisboa: Edições 70, 1971.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.* São Paulo: EDUSP, 1994. (1978).

#### Notas

<sup>1</sup> História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). e-mail: [deisezandona@terra.com.br](mailto:deisezandona@terra.com.br).

<sup>2</sup> Procuo ler o texto grego mas me apoio na tradução feita por Jacyntho Lins Brandão. LUCIANO. Como se deve escrever a história. 3. In: BRANDÃO, Jacyntho. *Luciano e a história.* (no prelo).

<sup>3</sup> “El primero editor-librero de Roma cuyo nombre nos es conocido- y em cierto modo el primero de todos –es el amigo de Cicerón, Tito Pomponio Atiço, quizá uno de los editores-libreros mencionados por Luciano.” KLEBERG, Tönnies. Comercio librero y actividad editorial en el Mundo Antiguo. In:CAVALLO, Guglielmo (Dir). *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo.* Madrid: Alianza Editorial, 1995, p.66.

<sup>4</sup> Analiso a perspectiva da audiência na tese que desenvolvo. Um estudo preliminar foi apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História e publicado: ZANDONÁ, Deise. A enunciação ea história antiga: a constituição da audiência em Luciano de Samósata (séc. II d.C.). *Simpósio Nacional de História – ANPUH.* 24. São Leopoldo: Oikos, 2007.

<sup>5</sup> As fontes da pesquisa, além dos textos trabalhados aqui, incluem *Das narrativas verdadeiras, Amante das Mentiras, Dupla acusação e Sobre os que recebem salário dos poderosos.*

<sup>6</sup> Ibid. 12.

<sup>7</sup> “Ο δὲ μέγιστον καὶ πρὸς τὸ εὐδοκιμεῖν ἀναγκαιότατον ὀλίγου δεῖν παρέλιπον”. Idem.

<sup>8</sup> Solecizar significa cometer erros nas normais gramáticas da língua.

<sup>9</sup> Ibid. 27. “ὡς γαμήσειάς τε αὐτήν ἀνελθῶν καὶ πάντα ἔχοις , τὸν πλοῦτον τὴν δόξαν τοῦς ἐπαίνους· νόμῳ γὰρ ἅπαντα γίγνεται τοῦ γεγαμηκότος.”